

A relação entre ética e técnica em Umberto Galimberti: De onde viemos, quem somos, para onde vamos...

Carla Pinheiro*

A título de introdução.

O presente texto é a *quase tradução* de uma palestra proferida por Umberto Galimberti, na Itália, a qual foi publicada pela revista Geocentro, em 2011. Diz-se quase tradução, porque a quase tradutora acrescentou alguns comentários, assim como modificou, suprimiu ou acrescentou, algumas afirmações àquelas do autor, na tentativa de tornar o texto mais acessível ao leitor da língua portuguesa, assim como enfatizando momentos do pensamento do Autor que conversam com o pensamento da quase tradutora.

O título original da palestra de Umberto Galimberti é “ética e técnica”. “De onde viemos, quem somos e aonde vamos” foi acrescentado pela quase tradutora. As três questões compõem o título de um quadro de Paul Gauguin. Para aqueles que não conhecem a obra, esclarece-se que a escolha se deve ao fato de que, no centro da obra de Gauguin, vemos o cristo crucificado e o cristianismo (e suas representações) configura, ao nosso ver, parte central do discurso de Galimberti, no presente texto. Configura mesmo um “divisor de águas” ou um divisor da história da humanidade, tal qual nas cores e formas da belíssima obra do artista plástico. Vamos ao texto!

Ética e técnica.

Estamos todos convencidos, hoje, que o homem ainda é o sujeito da história e que está utilizando a técnica como instrumento para realizar seus objetivos, como sempre fez. Mas a realidade não é bem essa. Estamos efetivamente na Idade da Técnica, mas esta não se assemelha àquelas que a precedem: a Antiguidade, a Idade Média, o Renascimento, o Romantismo, o Positivismo... Todas essas etapas históricas eram pré-tecnológicas, quando funcionava o paradigma em que o homem era o sujeito da história e a técnica o instrumento para realizar seus objetivos. Hoje não é mais assim, a técnica se tornou o sujeito da história e o homem tornou-se um “funcionário do aparato técnico. Fomos depostos do protagonismo histórico. A história não é mais o lugar da nossa ação, mas o lugar da ação da técnica.

Com a palavra técnica não me refiro às máquinas que temos. Não se trata do computador, do telefone, da geladeira ou do automóvel. Entendo por técnica a forma mais elevada de racionalidade.

*Bolsista de Pós-doutorado da CAPs, vinculada à Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Direito pela PUC-SP e Psicóloga formada pela mesma instituição.

Mais elevada que a economia. Porque a economia sofre agora de uma paixão humana que é a paixão pelo dinheiro, da qual a técnica está exonerada. Uma racionalidade que consiste substancialmente na correlação meio-fim. A escolar de Frankfurt: Adorno, Horkheimer e Marcuse denominaram esse tipo de racionalidade de “razão instrumental”. Ela consiste em utilizar o mínimo de meios para alcançar o máximo de fins. A razão instrumental se tornou uma forma de pensar, já que hoje, nós não valorizamos mais o belo, o bom, o sagrada. Valorizamos essencialmente o que é útil. Porque esse tipo de racionalidade, que otimiza o fim com o empenho mínimo de meios se tornou a nossa forma de pensar.

Quando houve essa mudança? A idade da técnica se inicia a partir da Segunda Guerra Mundial. É certo que, antes haviam instrumentos tecnológicos, mas a razão instrumental, como a conhecemos hodiernamente não havia se instalado, até então. Essa mudança foi prevista por uma intuição de Hegel, o qual em um livro de lógica, disse que quando um fenômeno aumenta quantitativamente não temos somente um aumento quantitativo de um fenômeno, mas temos também uma variação qualitativa da paisagem... Hegel dá um exemplo muito simples: Se arranco um cabelo sou uma pessoa com cabelos, se arranco outro, ainda sou uma pessoa com cabelos, mas se continuo arrancando os cabelos, acabo me tornando um calvo. Modificação qualitativa pelo aumento quantitativo de um gesto. Marx aplicou esse argumento à economia. Ele disse: todos acreditamos que o dinheiro é um meio para realizar certo fim, que é a satisfação das necessidades e a produção de bens. Mas, se esse meio aumenta quantitativamente e se torna a condição universal para realizar qualquer fim, para satisfazer qualquer necessidade, para produzir qualquer bem, o dinheiro não é mais um meio, mas se torna um fim para satisfazer tudo o que se deseja, na medida de produção de bens.

Se utilizarmos esses argumentos de Hegel e de Marx, se os aplicarmos à técnica, temos que se a técnica é a condição universal para realizar qualquer fim, ela não se torna mais um meio mas é o primeiro fim que todos queremos, porque com ele se atingem todos os fins.

Há mais de 20 anos caiu a União Soviética. Porque caiu em 1989 e não em 1960? Porque em 1960 a União Soviética dispunha de um arsenal tecnológico equivalente àquele de seu antagonista, que era o capitalismo norte-americano. No ano de 1960, o primeiro Sputnik no espaço foi enviado da União Soviética. Em 1989 a tecnologia soviética era inferior à americana. E nesse ponto o fim, que é a expansão do comunismo, entra em colapso. Porque? Porque o meio com o qual eu meço que não é mais medida (meio), mas sim o fim, não está à altura do evento.

No momento em que a técnica se torna o sujeito da história todas as categorias por meio das quais nós havíamos interpretado o indivíduo e a sociedade, partindo da hipótese do primado do homem, que podemos chamar de “humanismo, como chamava Heidegger, foi totalmente ultrapassado.

Para exemplificar, o que está sendo afirmado, vejamos dois cenários: o cenário político e o cenário ético. Através deles, poderemos verificar como todas as categorias políticas e éticas que funcionavam quando o homem era sujeito da história não funcionam mais na idade da técnica. A política era pensada por Platão como a técnica régia. Baseado em seus livros, recordamos que para Platão, a técnica era como se faziam as coisas. Mas, “porque” e “se” devíamos fazer era decidido pela política. Hoje a política não é mais o lugar da decisão, porque a política para decidir obedece à economia. Mas também a economia não é o lugar da decisão, porque, por sua vez, para decidir acerca dos investimentos se atém ao aparato ou recursos tecnológicos. O processo de decisão se desloca, assim, da política à economia, e desta à técnica.

Quando dizemos que podemos nos resguardar da concorrência chinesa somente através do aprimoramento da nossa tecnologia estamos dizendo onde é que se decidem as coisas... Ou seja, elas não se decidem mais em nível político e nem mais em nível econômico...

A técnica pode comprometer inclusive aquela dimensão a que estamos afeiçoados, que se chama democracia. Talvez a democracia nem se efetive mais, mas continue presente como uma ideia reguladora, que se iniciou na Grécia antiga e se estende até a contemporaneidade. Fato é que ela não se realizou no Império Romano, na Idade Média, no Renascimento e e nem nos séc. XIX e XX. Mas permanece a ideia, da qual deveríamos nos apoderar e que está sempre nos prevenindo...

Com a técnica o cenário democrático entra em colapso. Porque? Porque a técnica impõe hoje em dia uma qualidade de problema a respeito do qual nós somos todos incompetents. Quando devemos decidir, por exemplo, se devemos abrir ou não centrais nucleares (usinas nucleares) para responder com competência, deveríamos ser físicos nucleares. E se não somos físicos nucleares, como devemos decidir? Decidimos com base no que Platão não tem dúvida ao chamar de retórica. Devo decidir porque me filio a uma certa opinião. Porque me deixo persuadir por aquele político, porque alguém me persuadiu e me convenceu com sua palavra ou com fundamento nos possíveis efeitos de tal empreendimento. Se decide nessa base, de forma irracional. Não por competência, mas por fascinação. Por efeito retórico, pela persuasão, não pelo saber.

Se devo decidir se os organismos geneticamente modificáveis são praticáveis ou não deveria ser um biólogo molecular ou um geneticista. E não sendo nem um nem outro, o meu processo de decisão se dá com base na persuasão. Se pensarmos que Platão, dos 34 diálogos que deixou, 14 são contra a retórica e o sofisma, contra o falso silogismo, paralogismo, contra a persuasão dos cidadãos por meio do falso, com o fito de obter consenso... A postura do convencimento pela sedução e não pela verdade era tida por Platão como motivo suficiente para excluir aquele que a postulava da Polis, este deveria partir da cidade porque o sofisma não é era a arte do bem governar. Platão havia intuído o que era o verdadeiro inimigo da boa convivência na Polis. E

pensava na expulsão dos retóricos e sofistas, daqueles que persuadem sem argumentação, sem buscar a verdade.

Agora passemos ao cenário ético. De modo resumido, podemos dizer que o ocidente conheceu substancialmente três éticas: a ética cristã, que foi uma grande ética, porque com base no cristianismo se construiu toda a ordem jurídica européia: uma ética da intenção. Isso porque o julgamento é baseado na interioridade humana. A interioridade produz a ação. O homem será julgado pelas tuas intenções. Também hoje, os tribunais estabelecem que a minha ação é dolosa se tinha a intenção de realizar a ação. Se não tenho a intenção ela é culposa. Ou é intencional ou preter-intencional. Priorisa-se toda essa carga de interioridade, que fala da culpa ou da ausência de culpa.

Na idade da técnica, a intencionalidade não serve de como fundamento. Que intenção tinham Oppenheimer ou Ferni quando inventaram a bomba atômica? Isso não interessa. Muito mais interessante é conhecer os efeitos da bomba atômica. Se continuarmos a julgar as coisas a partir da intenção dos atores sociais nos moveremos em um contexto a respeito do qual a idade da técnica é completamente insensível.

A segunda ética é a kantiana. Kant formulou uma ética que se pode definir como laica. Não porque ele não acreditasse em Deus, mas porque queria construir uma ética independente da crença em Deus. Uma ética construída com base unicamente na razão. Uma ética que pode ser resumida em uma frase sua: “O homem deve ser tratado sempre como um fim, nunca como um meio.” Essa ética também não se deixa mais efetivar. Basta que se veja, por exemplo, a condição do imigrante. O imigrante, hoje, tem cidadania se funciona como um meio de trabalho, de lucro, de renda. Mas, se não funciona assim, o fato de ser homem não lhe assegura o direito de cidadania.

A nossa condição não é muito diferente daquela do imigrante. Também nós temos direito à cidadania pelo fato de estarmos de algum modo, inseridos na estrutura laboral de prestação de serviços. Fora desta condição, nos tornamos marginalizados socialmente.

Mas, também a ética kantiana, no sentido do homem ser tratado sempre como um fim e não como um meio, não funcionaria na atualidade. Ela funcionava na época de Kant, quando o mundo não era superpovoado. Mas, se hoje o homem fosse tratado como um fim e todo o resto como um meio? O espaço hoje é um meio ou é um fim a ser protegido? A água é um meio ou um fim? E a floresta, a atmosfera, a biosfera? O que são meios e fins a serem protegidos?

Hoje não dispomos de uma efetiva ética da natureza. Isso porque a ética não funciona somente pelo fato de ser formulada, ela necessita de um suporte jurídico que estabeleça também previsões. A ética funciona quando se torna “psíquica”, quando faz sentido para as pessoas. A ética envolvendo os entes da natureza não funciona porque falta sua absorção psíquica, sua interiorização.

A tecnologia avançou mais rapidamente que nossa capacidade de absorção psíquica. Gunther Anders escreveu um livro belíssimo intitulado “o homem é antiquado”, a respeito das coisas que ele utiliza. A coisa utilizada tem mais competência que aquele que a utiliza. O celular possui um aglomerado de inteligência humana que supera a nossa competência sobre o mesmo aparato técnico. As máquinas possuem uma inteligência objetiva que supera a inteligência subjetiva de qualquer um de nós.

A terceira ética foi formulada por Max Weber. Ela foi reproposta nos anos 80 pelo autor do livro “Princípio Responsabilidade”, Hans Jonas. Weber disse: as ações devem ser julgadas, não pelas intenções que as promovem, mas pelos seus efeitos. Mas abre parenteses: até onde os efeitos sejam previsíveis. Mas, hoje em dia os efeitos não são mais previsíveis, daí a vigência da chamada “sociedade do risco”, de que nos fala Ulrich Beck. Além de que não concebemos a técnica como uma aplicação da ciência, mas como a alma, a essência da ciência.

A ciência quando olha o mundo não o faz para contemplá-lo, mas para manipulá-lo. Seria como se em um bosque andassem um poeta e um carpinteiro. Os mesmos não veem a mesma coisa... A intenção técnica está inscrita no cenário científico. Não pensamos se a relação entre ciência e técnica é boa ou má, se a ciência deve usar esta ou aquela técnica: a técnica já está na qualidade do olhar científico. Ela é inerente ao olhar científico.

Voltando à frase dos parenteses: desde que os efeitos sejam previsíveis. A tecnociência não procede com base no fim a que se propõe. O resultado se circunscreve à proposta. No laboratório científico, se procede da seguinte forma: o biólogo molecular estuda um neurotransmissor por vinte anos. Para que? Não sabe. A sua ética é no sentido de que deve conhecer tudo o que se pode conhecer a respeito do respectivo neurotransmissor. Independentemente dos resultados ou dos efeitos, do sucesso ou não da pesquisa. Outro estuda uma proteína por 10 anos no intuito de que, dessa pesquisa resulte algo que possa ser útil à condição humana. Naturalmente, uma condição humana que possa pagar o resultado da pesquisa, porque de outro modo, já teríamos salvado muitos africanos de doenças simples, mas como eles não podem pagar, não os salvamos. O resultado científico é o efeito de um procedimento, não é o fim que o move.

A ninguém se havia prometido a clonagem. A clonagem não era uma promessa. Os cientistas chegaram simplesmente à conclusão de que, por meio de um determinado procedimento a clonagem poderia acontecer. E agora temos que nos haver com uma ética que nos parece, de alguma forma, patética. Que pede à técnica para não fazer aquilo que pode fazer. É algo que nunca se havia visto antes na história da humanidade. Quando se pode fazer algo, se faz! É ridículo, por exemplo, que hoje se fale de uma lei limitativa das possibilidades técnicas. Há alguns anos falávamos sobre a proposta de fecundação assistida. Agora nos ocupamos do testamento biológico. Mas como se pode impedir alguém de fazer o que pode fazer?

Vivenciamos, na atualidade, uma espécie de impotência ética na idade da técnica. E com a necessidade de recriar uma ética que não pode se fundir a princípios imutáveis, porque estes funcionavam quando a natureza era concebida igualmente como imutável. E era concebida como imutável quando o homem não tinha nenhum poder sobre ela...

Hoje a natureza não é mais o horizonte imutável como pensavam os gregos. Hoje a natureza se tornou uma matéria manipulável. Agora não posso partir do princípio da natureza imutável para estabelecer as disposições de comportamento ético por ordem de nascimento, morte, etc. Porque a natureza não é mais horizonte, perspectiva, não é mais medida, não é mais referência.

Heidegger disse, em 1927, que nossa relação com a natureza é substancialmente utilitarista. E utilizava um termo que pode ser traduzido como “ter em mãos”. Esse é o relacionamento que temos com a natureza. Por isso, quando vêm um filme as pessoas pensam em energia elétrica, quando vêm uma floresta, pensam em madeira, lenha, quando vêm o solo pensam no subsolo...

Retornando à afirmação de que a idade da técnica começou com a Segunda Guerra Mundial, temos uma afirmação impactante de Gunther Anders. Ele disse que na idade da técnica, tornou-se grande aquilo que o nazismo fez com que víssemos em pequeno. No nazismo verificou-se que a responsabilidade não era mais da ordem do efeito das nossas ações como nos ensinou Max Weber, mas a responsabilidade repousava na perfeita execução da ordem dos superiores. Ou seja, uma responsabilidade que não se estendia às consequências do meu agir, mas somente à obediência, ao cumprimento de ordens. Eichmann e os comandantes nazista, quando foram processados pelo Tribunal de Israel disseram reiteradamente: “eu apenas segui ordens”. Do ponto de vista da idade da técnica, esta resposta é perfeitamente adequada: eu obedeço ordens. Esse é o meu trabalho. Atenção para a palavra trabalho, no presente contexto, já que ela goza de uma grande tradição, de um grande valor, de um grande significado, no correr da história da humanidade. Ela adquire um significado novo, na idade da técnica. Porque se o trabalho se torna uma perfeita execução de uma ordem, deve-se ser desresponsabilizado das consequências da ação realizada. Cria-se, então uma espécie de irresponsabilidade generalizada.

Se pensarmos no lugar onde foram construídas as minas anti-homem, como chamamos aqueles que as construiu? Operário, delinquente? Eu o chamo agora de operário, porque se tivesse tido melhores chances de trabalho, um salário maior, mudaria de trabalho tranquilamente. Mas em que consiste ser um bom ou mau operário? Em fazer bem o seu trabalho, em fazer bem uma bomba. A consequência não é de sua competência. O que se ouve mais, acerca do exercício profissional é se fulano ou beltrano faz bem o seu trabalho. O critério de avaliação é a eficiência, a produtividade, não a responsabilidade pela própria ação. A responsabilidade existe somente no sentido vertical. No confronto com o superior. Esta é a medida de ser um bom ou mau operário, na idade da técnica.

Heidegger afirmava que o que se tornava inquietante não era a transformação do mundo em um enorme aparato técnico, mas sim que não estávamos preparados para essa transformação radical do mundo. O que é mais inquietante, portanto, é que não dispomos de um pensamento alternativo ao pensamento que calcula, que é o pensamento técnico. Porque a técnica modifica também, o nosso modo de pensar. Não temos um pensamento alternativo, não sabemos como sair de um pensamento baseado no cálculo, que monopolizou nosso modo de pensar.

Aonde vamos? A categoria do futuro, se tornou importante em que cultura? Na cultura do cristianismo. Isso porque os cristãos, diferentemente dos gregos que levavam a morte a sério e chamavam o homem de mortal, em oposição aos Deuses, que eram imortais, os cristãos dizem: homem, tu não morrerás mais! Com as novas perspectivas de futuro se inaugura uma perspectiva grandiosa! O futuro assume grande relevância a partir de então. O tempo não é mais uma sucessão de horas, de dias, de estações, de anos. O tempo torna-se cheio de sentido. Também a dor assume um novo sentido. Para os gregos, a dor é importante porque pertence à vida. Para os cristãos a dor é uma expiação da culpa, é um sinal para a eternidade. O futuro se desfecha com o cristianismo. E essa abertura ao cristianismo contaminou também todas as formas laicas da cultura ocidental.

O cristianismo pensa que o passado é mau: o pecado original, o presente é a redenção e o futuro a salvação. Também a ciência pensa desse modo. Os conflitos entre ciência e religião são conflitos de superfície, porque a estrutura de fundo é idêntica. Também a ciência pensa que o passado é mau, ignorância, o presente procura, investigação, pesquisa e o futuro progresso.

Mas, também Marx era um grande cristão, no seu modelo de pensamento. Pensou que o passado era injustiça, no presente se evidenciava as contradições do capitalismo e para qualquer outra revolução e o futuro seria justiça sobre a terra. É uma lógica perfeitamente cristã.

Freud, que escreveu um livro contra a religião, pensa nos mesmos moldes: que o passado, a infância, é trauma e doença, nasce da neurose, o presente é análise e o futuro é cura. Tudo é cristão no ocidente. E quando Ratzinger reconhece a raiz cristã no ocidente, há que se reconhecer também o tronco, as folhas... Tudo é cristão no ocidente porque tudo é direcionado para o futuro, que por sua vez é tido como uma dimensão positiva.

Nietzsche nos advertiu que Deus está morto! Essa afirmação causa grande alarde até hoje, especialmente entre religiosos e mesmo intelectuais. Mas, Nietzsche não estava falando acerca da existência de Deus, como muitos equivocadamente entendem. Devemos pensar que, alguém que more, estava antes vivo. Deus era vivo quando criava o mundo, quando fazia história. Se pensarmos sobre a Idade Média, quando a literatura era inferno-purgatório-paraíso, quando a arte era a arte sacra, Deus existia, estava vivo. Porque se retiro a palavra Deus, não entendo nada daquela época.

Mas se retiro a palavra Deus na atualidade, entendo? A resposta é sim. Não entenderia se retirasse as palavras dinheiro ou técnica. Então, Deus está morto no sentido de que não faz mais o mundo. O mundo não acontece mais Segundo Deus. Vivemos em uma atmosfera radicalmente niilista. Como definiu Nietzsche: todos os valores estão perdidos, falta a resposta ao porque, não se vê nenhum horizonte.

Que os valores mudem é a condição da história. A história muda porque uns valores se perdem e outros chegam. Antes da Revolução Francesa, eram os valores hierárquicos, depois dela os valores da cidadania, pelo menos formalmente. E assim a história foi se modificando.

Os valores não caem do céu, eles correspondem a um coeficiente social e graças ao respeito aos valores reduzem-se os conflitos e se vive melhor. Que os valores mudem não se discute. O que se torna dramático é quando, com o perecimento dos valores vigentes, outros não os substituem... Assim começa a atmosfera niilista...

Falta-nos também um fim, uma finalidade. Porque o fim é uma proteção do futuro. Mas, se Deus está morto, todo o otimismo que sustentava a cultura ocidental, a chave religiosa que gerou o otimismo, no âmbito da ciência e da sociologia, todo esse otimismo entra em colapso. Sempre pensamos no futuro com otimismo. O ocidente ultrapassou - em certa perspectiva - com velocidade as outras culturas por causa desse otimismo. Mas, se Deus está morto, a sobrevivência da alma entra em colapso. Ainda Nietzsche: falta a resposta ao porque, no sentido de que, se o futuro não se deixa tocar, esse mesmo futuro não retroage como motivação para os nossos atos.

Miguel Benasayag, em um livro intitulado “o tempo das paixões tristes”, conta que, para os nossos jovens, o futuro não é uma promessa, mas uma ameaça. Não se sabe se é uma ameaça mas é imprevisível. E se é imprevisível não retroage como motivação. Porque devo estudar? Trabalhar? E agora se vive em um presente eterno. Muito intensamente. Porque o futuro é angustiante. A perspectiva de futuro é angustiante, indecifrável. Este é o nosso cenário.

Pode-se afirmar que a expansão das drogas não se dá tanto pelo prazer, pela transgressão. A droga tem uma função de anestésico. A ausência de futuro gera nos jovens uma desmotivação emocional muito grande. Todos nós sofremos problemas psicológicos na juventude. Os jovens de hoje sofrem além dos problemas psicológicos, com os problemas culturais. Temos uma cultura que se fechou para o futuro. O que Nietzsche chama de niilismo e definiu como um hóspede inquietante... E Heidegger comentou: é inútil não olhá-lo de frente, é inútil mandá-lo embora, porque ele agirá como que através de nós. É importante encará-lo de frente!

Como a filosofia pode ser útil, no que diz respeito a essa conflitiva pulsante? Para que serve a filosofia? A esta pergunta respondeu Aristóteles: não serve a ninguém, porque não é uma serva. A filosofia não nasce na universidade, mas na estrada: Sócrates saía pelas ruas perguntando às pessoas o que elas achavam que era

justo, bom. Passava-se da opinião à verdade, estando-se sempre atento ao fato de que a verdade não é eterna! O que deve fazer a filosofia? Essa é a pergunta. Ela deve ser crítica!

E para ser crítico precisamos conhecer, pensar e enfrentar os conflitos que assolam o nosso cotidiano. As crianças, no início de sua existência filosofam. Começam com o princípio da não-contradição e chegam ao princípio da causalidade. Isso é uma grande máquina que protege da angústia. Também nós, devemos fazer como as crianças no início, tentar entender o que está acontecendo ao nosso redor. Assim como Heidegger propôs, encarar o hóspede inquietante de frente e procurar soluções adequadas à nossa realidade. Soluções que façam sentido para nós e que, por sua vez gerem consequências por meio de atitudes responsáveis que sejam ao mesmo tempo solidárias e que façam renascer a esperança.